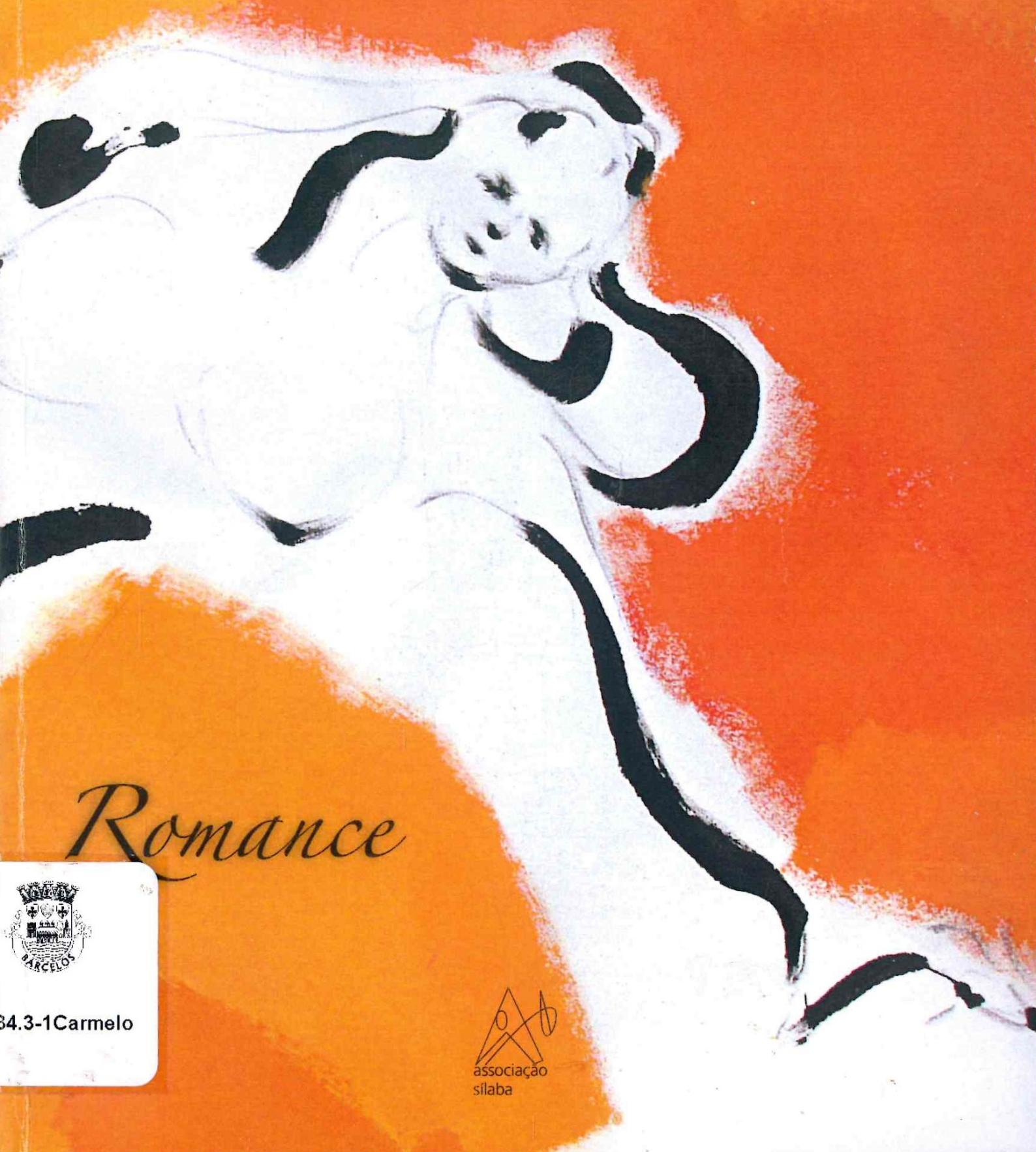


Francisco Carmelo



34.3-1Carmelo



Romance

Ficha Técnica

Título: *Romance*

Autor: *Francisco Carmelo*

Capa: *António Cunha*

Autor de Pinturas: *Artur Durão*

Impressão e acabamento: *Esag, Lda*

1^a Edição: *Julho 2006*

Depósito Legal nº: *245289/06*

Com o apoio:
Câmara Municipal de Barcelos

Reservados todos os direitos



Associação Sílaba

Publicação e divulgação de obras literárias

Lugar do Monte - Carapeços 4750-393 Barcelos

www.silaba.org

E-mail: associacaosilaba@hotmail.com

mail@silaba.org

Francisco Carmelo

Romance

Editora Pessoal
Poesia 5

MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

Nº 55953 *Penna.*

Barceliana

117-0162 780

117-0162 780

22822

A meus Pais e Irmãos



Epígrafe

Contemplo o lago mudo
Que uma brisa estremece.
Não sei se penso em tudo
Ou se tudo me esquece.

Fernando Pessoa

Romance

As palavras estão cravadas no passado. A vida é impossível sem a dizer. Valem a riqueza dum rosto. Imaginá-lo a afluir. A manhã é um curso de água que desliza nas palavras. As minhas vizinhas. Falam para calar o absurdo. Surgirá mais tarde dos filamentos da eternidade. Vives por instantes esquecida. Em ti o amor o começo do ser. Tocas no vento com o olhar como o caminho é deserto. Inomináveis palavras trocamos os dois um olhar como se abre o sol ao canto dos pássaros. Passar definitivamente a portada da angústia que passou na fraga do teu isolamento. Venho convocar o timbre da inscrição do teu rosto. O fundo da fotografia a convocação da alma.

dá-me um olhar que me salve dum rio
é tanta a solidão que se esmaga nas palavras
e desfiguramos quem não nos ama

nascem flores
e as crianças brincam

Francisco Carmelo

o poema como um revólver
sobre o amor
vazar o coração

imaginem ver-me igual
dividido no amor e como os poetas resgatado no poema

é algo forte como a felicidade do mundo
ainda nos é exterior

talvez passe a história e nós seremos iguais
como um espelho fundo que nos reflecte chamo
amorosamente as imagens que passei connosco como algo contra a noite
impossível
do esquecimento a beleza ficará sempre por eterna.

escoraremos árvores para que o infinito tenha sempre rumo
nasceremos sempre no olhar como acordar com vocês
miúdas em que a luz é promessa a cruzar o vosso destino com o mar.

regressa à dávida do amor
e tece o caminho da beleza
como chama o infinito do sentido

percorri os caminhos mais absurdos
da solidão sei também a proximidade do mar
a encontrar-me com os seres

Francisco Carmelo

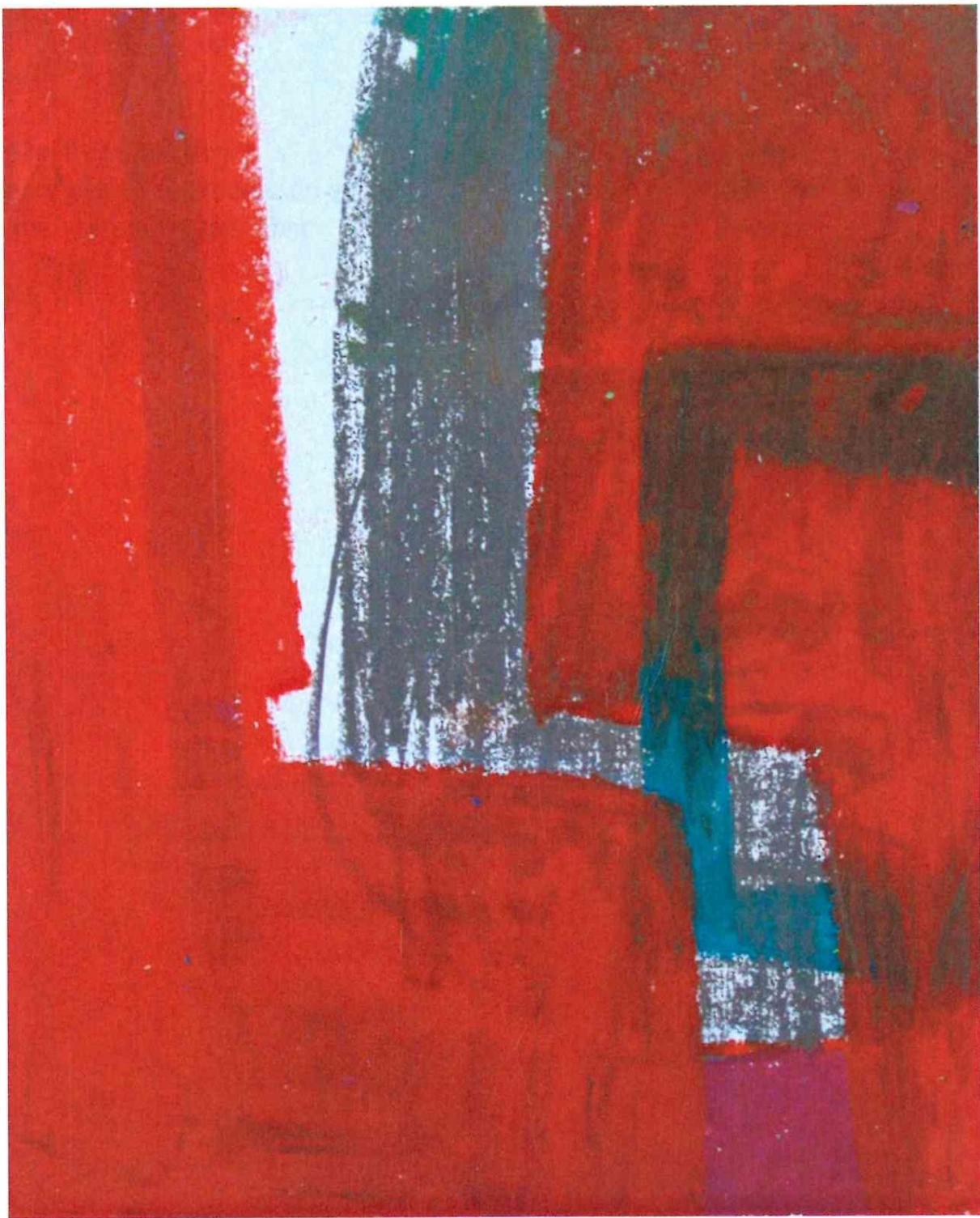
não quero que me amem
quero amar uma desconhecida
e os laços que aprisionam o coração
adormecem a mente

vejo-te duma laranjeira ou dum limoeiro?

a árvore é jovem
o nosso amor é antiquíssimo
e reabre a porta à beleza da aparição
o caminho sob a fonte do teu som
porque todo o olhar que não é para ti é traição

Francisco Carmelo

tinha caminhado pelas trevas da dor
e corria hoje pela paz dos passos
a rejubilar na passagem não trágica da felicidade



pôr flores nas trevas
para passar à semente do sonho
que voa para o teu olhar

Francisco Carmelo

a meditação exasperada do silêncio
sufoca nas palavras

a encher o sonho do próprio rosto
é inapropriável tanto sofrer
e sobra a crença no amor
que levou o sentir ao extermínio

a estridência estremunhada do silêncio
a vida é uma narrativa inenarrável
que vive no perigo do olhar
a escoar-se contemplando o rio

Francisco Carmelo

mistério ocluso das palavras como te fui tanto amar
para essa história de sofrimento que foste abandonas-me
no cais do sentir espero-te
perfilado entre o horizonte e a minha imperfeição
e atingirei o sossego da voz

nasceu depois da irmã mais velha
há anos isso perguntava-se muito e ela era sempre quem vinha a seguir
via sede no excesso de sentir um rosto ausente na total exigência do
momento
mas também parece que nada a distraía
e sobressaía o rigor da austeridade de quem nunca pela vergonha de si
própria era

inútil a mistificação triste
e sem sorriso adivinhava
o que talhavam as lágrimas era a face melancólica do rigor da justiça

MUNICÍPIO DE BARCELÓ
BIBLIOTECA

chegavam excursões das escolas
crianças correm pela praia a desabrida liberdade
os rapazes tentam que as bolas cheguem ao céu
as raparigas bloqueiam em grupo

tanto apetece amar lembro-me
dos meus passeios ficava só nos bancos com o sentimento tão longe

a cara manchada pelo sofrimento
o rosto decide-se pelos olhos

que ninguém lhe toque na solidão
por querer dar ao romance o sentir

sigo exangue o percurso do poema
toco a vertigem do teu rosto

como nos fechamos quando perdemos um amor
volto ao sítio do silêncio

como parar a morte na nossa despedida
o mundo são intervalos incandescentes de luz
fogachos do sentir

só na contemplação das flores descobriria a essência do amor
e as palavras que barram a morte

gostava que ficasse entre mim e a poesia o nosso amor
um olhar toca-nos tanto que é o centro do mundo
disse-me uma jovem de olhos azuis que fazia poesia

juntos vamos aprender o nome
a não mais habitar a solidão
desse nome esconjurar tudo às palavras e aos sorrisos
até este choro nupcial

era uma personagem estranha que se alimentava dos rostos
das mulheres só a sua beleza sossegava o seu íntimo

“não vais buscar a morte para nada”

nos olhares fugazes que enchiam o coração
encontrar o seu mistério no fio da narração era a missão da literatura

corriam dentro de si as vozes das crianças
a água levava a uma festa onde se distribuia o pão
pérolas inundavam os seus olhos

avistava-se o fogo
e lá longe é o momento solene onde a alma se magoava
de beleza beijavamos desesperadamente a luz do dia
em quanto ressoava bem alto o som dos Zés Pereiras e o da banda no largo

faz o silêncio significar
uma alma aberta no teu rosto

tens o princípio do fim
enamora-te dum amor absoluto
a crescer entre os outros rostos

vem ficar no silêncio
o rumor da água
e é a tua voz que inspiras à humanidade

semente do amor no rodízio do tempo
fazes falta à vida para a poesia ter companhia
e trilhar a treva da noite incólume ao desespero
do sossego do coração ter a ventura ardente

a poente da morte que nos atravessa
o mar fica por instantes entre nós dois
e faz o amor desenhar-se no relevo das mãos

despia o seu corpo à minha frente
via-se a penumbra das calças no sofregar do olhar nos mamilos
e o absoluto é tudo o que me lembro desses instantes.

a criação afasta o medo
chama o coração aberto dos homens

sorrio e o silêncio do mundo é total
desenhamos uma espécie de música nas palavras
anda a roca de fiar a amizade
e perpetua-se o amor que já não é um sonho distante

apertamos por dentro as palavras escolhidas na noite clara sem chuva
e no rumor dos moinhos a bátega de água chora por nós

a poesia é o dom absoluto

a dares-te aos passos do amor celebras o mar
no teu rosto a chuva fala-nos e não voltará a inquietude

animam-me as vozes das crianças
não fujas com o vento!

o absoluto do amor venceria
se fosse possível que a música te chamassem

o mundo ficaria iluminado
como segredas o infinito das pessoas
nas vozes que apagam a morte

junto na memória pedaços de flores
vou ao limite da beleza segredar a veemência do amor até à corda frágil da
literatura

morro aí onde os laços se dão com o silêncio
a estancar essa morte irremediável

trespassas a luz do sentir
enquanto te digo um poema
e choras

vi-te
pela última luz clamavas a verdade dos teus gestos
perde-se quem dá demasiado aos homens
o tempo de juntar quem ama
ofereceremos a profundidade do que é nosso
e nas mãos vazias ficaremos com alguma essência da literatura
partilhas o eterno regresso do silêncio
e confundimo-nos com as vozes das crianças
fica uma criança de ti
és também tu que prossegues a vida inacabada
dobraremos o teu nome
na virtude há um destino branco para ti
o roseiral acolhe a tua alma
e fechas um segredo por abrir
haverá terra para tanta beleza
que a noite cala a tua morte
para não consentir mais vitupérios e a imperfeição do mundo
perdurarão os gestos que semeaste
acolhe sempre quem te dá
e reagir com amor prende-te ao poço do ser.

buscas os segredos dos deuses
habitas esperança no teu ser

nas tardes em direcção ao vento
encontra todo o silêncio do rosto
e eu fujo em direcção à luz

nascemos para a beleza
o que damos completa-nos

como ciprestes a torrar ao sol
olhamos a fragrância da natureza
suspenso no tronco luminoso da vida

vem do fundo da alma a tua falta
a secura dos olhares o peso da cabeça
a irremediável provocação da morte

há doença e o teu rosto
ilumina o vazio da tua ausência

afasto os lamentos vãos e começa em ti a peregrinação da vida
e fazes falta ao silêncio e ao esconjuro da morte

resolvi pertencer aos outros e imito o nascer das crianças
na água transbordante do poema busco a luz que há em ti

afasto-me de toda a dor e vislumbro
o segredo da madrugada na nascente do poema
que continuo em universos de flores e crianças

cerro os olhos no cruzamento do mundo com os homens
e sonho com árvores entre o silêncio
não chamem por mim antes da poesia

cruz a diáspora do tempo para encontrar o amor
mas sorrio nos teus olhos contra a cruzada da dor

adivinho a passagem no teu rosto

espero o fragor das madrugadas no penoso embrulhar do tempo
nos malefícios perversos do afastamento
dizer-te que ninguém pertence à morte
e que o amor vai dolorosamente começar

dispo-te sofregamente à procura dum tesouro que há em ti
na doce melancolia que há nos sentidos
na amarga separação do sol
venho do cosmos como uma estrela que ilumina a passagem do amor
e naufrago na tua espera a mágoa indomável
de todos os cercos de todos os muros
de toda a expiação da dor na redenção infinita da união dos homens

cruzo o rosto do destino
e chove impiedosamente
a tristeza
desvanece no grito mais fundo da natureza
que com ela não ficamos sózinhos

reconheço os passos do silêncio sujo da dávida do amor
e lê-te no fundo do poema

mulher que te dás contra a chuva
contra o vento na tempestade impetuosa do sentir
ouço o carinho da tua amizade

às folhas caídas na disputa da noite teço
a corda do destino
inspiro a beleza do olhar
e estás para lá do segredo do ser
a não continuar a morte por outros meios



e tudo mora na colheita da paz
tenho ganho o infinito do silêncio
a mordaça da morte atravessa-se no ar e nós caímos
nos abismos da beleza dos seres
passamos à vastidão do sonho

eu só tenho a memória do teu rosto
ouço o fruir da tua voz
prendo-me à memória amorosa dos sítios
e tudo são possibilidades de nascer

o ninho enfeita-se à volta de cada ser que amamos
e são infinitas as possibilidades dos sentimentos
e tudo é excessivo no coração como o dom incessante do mar

e do perfume efémero das flores
havia um silvado ausente
que nos escondia na intimidade comum do mundo.

as crianças ruidosas não dão paz
a quem quer o declinar suave do sol
o pico da solidão é o máximo da criação

as pessoas acabam por narrar o livro que queríamos escrever
o inverno guarda-se nos calcanhares
nas frieiras dos dedos
e as primeiras chuvas quase fazem esquecer o verão
percorro as esquinas e ruas
e elas dão o tom épico à minha paz actual

estou entre dois rios e há cidades inteiras a velar pelo meu sorriso
sou deus e sou crente de todos os outros deuses
e todas as tardes baptizo a água

e assim daqui e dali não sevê a morte

queria a razão enlouquecida da tua paixão por mim
e seguem-me como cristo

estremeço nos segredos vastíssimos do mar
anjos que regressam ao coração do poema

fincam os pés no horizonte e habitam a nudez
integral e espiritual das mulheres

marca-se a linha do silêncio
os corpos do mar habitam o rastilho incessante
dos sorrisos espreita-se a lua alvíssima

as preocupações pelos outros cortam-nos as veias
a minha mãe vai à missa e eu não
talvez a esperança seja a mesma

quero dar justiça aos injustiçados
alimentos aos famintos
ganhar o amor de todos os pobres
de quem a vida tem um peso insuportável
mais que as suas forças
e merecer a nudez das mulheres
e a vida fica um prumo direito com a verdade

são corpos habitados pela desmesura do desejo
as caleiras aparam choros longínquos na razão de hoje
não há a mortalha do silêncio no ar
e cai-se fundo na veemência
do sentir espraiam-se praias e areais na memória

os rios refulgem a cor divina dos seus peixes
nos olhos sequiosos das raparigas

um ninho de luz preenche o absoluto
que clareia a ausência das palavras
elas são sonoras nos sentimentos brancos da paz
e a felicidade dá-se aí em gritos e em golfadas
em jogos de sangue que aspiram à união
mesmo que fortuita com o amor

caminha-se para o centro natural dos corpos
onde nidifica a paixão omnívora pela outra carne
e isso é feliz...

são sementes na habitação perene do olhar
e já não se adoece nem se enlouquece nem se morre
contra o tempo da soma dos dias perdidos
no embranquiçado feroz de todas as formas de não viver

é altíssimo ser amado
abre-se o coração às estrelas
ouvimos o fio do silêncio
o círculo da morte é uma mancha que perfura o ar

a lua fica cinzenta sobre os seus lugares
ouve-se a lenta habitação da luz
vive-se nos instantes do poema queima-se o avesso da memória

as estrelas do coração entram em nós como a água doce dum rio
passamos os efeitos do sonho
segredamos o mais lento olhar

as palavras são para descobrir o teu corpo
atingir a mina mínima aurífera
brilhante e amarelada do teu coração

nós caímos no poço do amor
e é claro e límpido o rio da alegria
a estação das chuvas promete toda a felicidade
jasmins crescem agora no quintal
na erva da infância

Francisco Carmelo

ouve a sinfonia dos seres na noite
dá passadas vastas para o mar
desmente o absurdo do viver
cruza as mãos no infinito
e atreve toda a coragem.

todas as crianças são nossos filhos
os jovens são nossa criação
e apagam os tempos de terror e suplício

tudo mora em frente à luz
voa-se para o ardor do mar
e mergulha-se na criação do infinito
a dar-lhe o melhor futuro

retomar a colheita da voz
e inundar o espaço do nascer
evita as vísceras do absurdo

chove prolongadamente sobre o rosto
tem efeitos no silêncio
reclama a poalha brilhante da música
e convive com a experiência do mar

mergulha em abismos sitiados e afasta-te da secura do dizer
revê-te da pulsão do infinito
abre-te à promessa do sonho
tem pesadelos sobre outras mortes

caminha pelo ardor da voz na noite um grito rouco
contra o medo e contra o sofrimento

ilumina o dizer do amor
ganha-te aos intervalos da sombra
a lua não cerca a noite

constata o amor
e a arte para atravessar a escuridão sem presenças
toca a vigilância do poema
pois ele nega toda a imperfeição

crescem na horta da infância
os sorrisos familiares sobre o amor

tropeça nos abismos obscuros da sombra
grita pelo sol no dia dos mortos
tem as entradas abertas no sofrimento

pulsa o dizer do mar
e ausenta-se das chamadas do deserto

as árvores da meninice convidam-te a reflectir na viagem
desde os primeiros passos

o rufar do vento agride a harmonia da escrita
e experiencia sempre a margem dum sonho.

desvaira-se na luz dos rostos
e queima a garganta na beleza do seu olhar

adormece as pedras da história
e desenha o sonho

retira-se do incômodo do viver
e reabre o efeito da voz

revê-se na promessa do amor
e toca o sentido do sonho

adormece na poeira da razão
e cresce para o efeito da luz.

apuro a dádiva pesada do silêncio
porque nenhum rosto rompe o nevoeiro

são trevas frias onde o amor não alumia
e eu queria-o no corpo
que toda a desvastaçāo arrasta os vultos na noite

árvore míticas sinalizam o amor
e eu queria entrar na vertigem do mar

desorbita-se o tédio no silêncio das palavras
que estão fartas e cansadas de dizer o amor
mas repetem-no no crivo oracular do poema

desvaneço no sal das figuras
nas iluminações velozes da noite

é exacto o caminho da escrita
e volto a todos os dizeres do lume
mas as palavras estão frias e cansadas

empenho-me na virtude da voz
e é gelada a avenida para o poema

é insuportável o peso do sofrimento do mundo
que se resguarda nos cais dos encontros
e tem a leveza voraz dos olhares amantes
que consomem o alcool da noite
porque se visita pouco a morte neste dia

atreve-te no rosto do amor
colhe os frutos da viagem oceânica
chove: o céu é um rio ao contrário
atravessa velozmente a força do poema
ouve-se uma ponte para o sonho

é minúsculo o pecado do mundo
o vento inventa as possibilidades do olhar
fragas batidas pela chuva a dar-nos ao infinito do sentido

censuro asperamente os meus erros
como agora ouvem-se da fonte do silêncio
e molham-se no corpo do amor

quero a narrativa dos segredos do mundo
que espreito a visão do nascer
e vêem-se gaivotas na ponte abrigadas da chuva no rio revolto

estouro as mãos na mágoa
a míngua da felicidade exalta-se
viram-me a cara viram a cara à tristeza
que é um animal doce e doméstico que detesto
e tem os seus limites e o seu âmbito

a minha vida é uma carranca a que me vou afeiçoando
assim triste grande e mau exulto com a luz
com a outra felicidade pequena

as ovelhas pastam nessa tarde
e as estradas estão demasiado atravessadas pela lua
a escrita guia sem perigo o poeta
a loucura dispersa-se no quintal
e ninguém precisa dos favores do rei para a felicidade

não há ponta oculta do dizer
e a língua é virgem no caminho do amor

não faz frio nem calor
e o corpo respira as palavras musicais que inspira

a força do mar colhe-se nos seus flancos eróticos
e mesmo as ausências são presenças

chove miudamente no silêncio
e aperta-se as mãos aos seres mais longínquos

Pai

tu és uma literatura que não morre
o amor por ti sempre foi fácil
por vezes assumia tanto o real que discordava

o teu silêncio mortal mais a tua ausência
atroa como canhões na memória
que não posso esquecer e teima em se lembrar
e se esgota num caixão sem uma viagem
certa para mim sei isso me reconforta
já que está junto aos teus garanto-te
que a qualquer halo de vida acordo-te

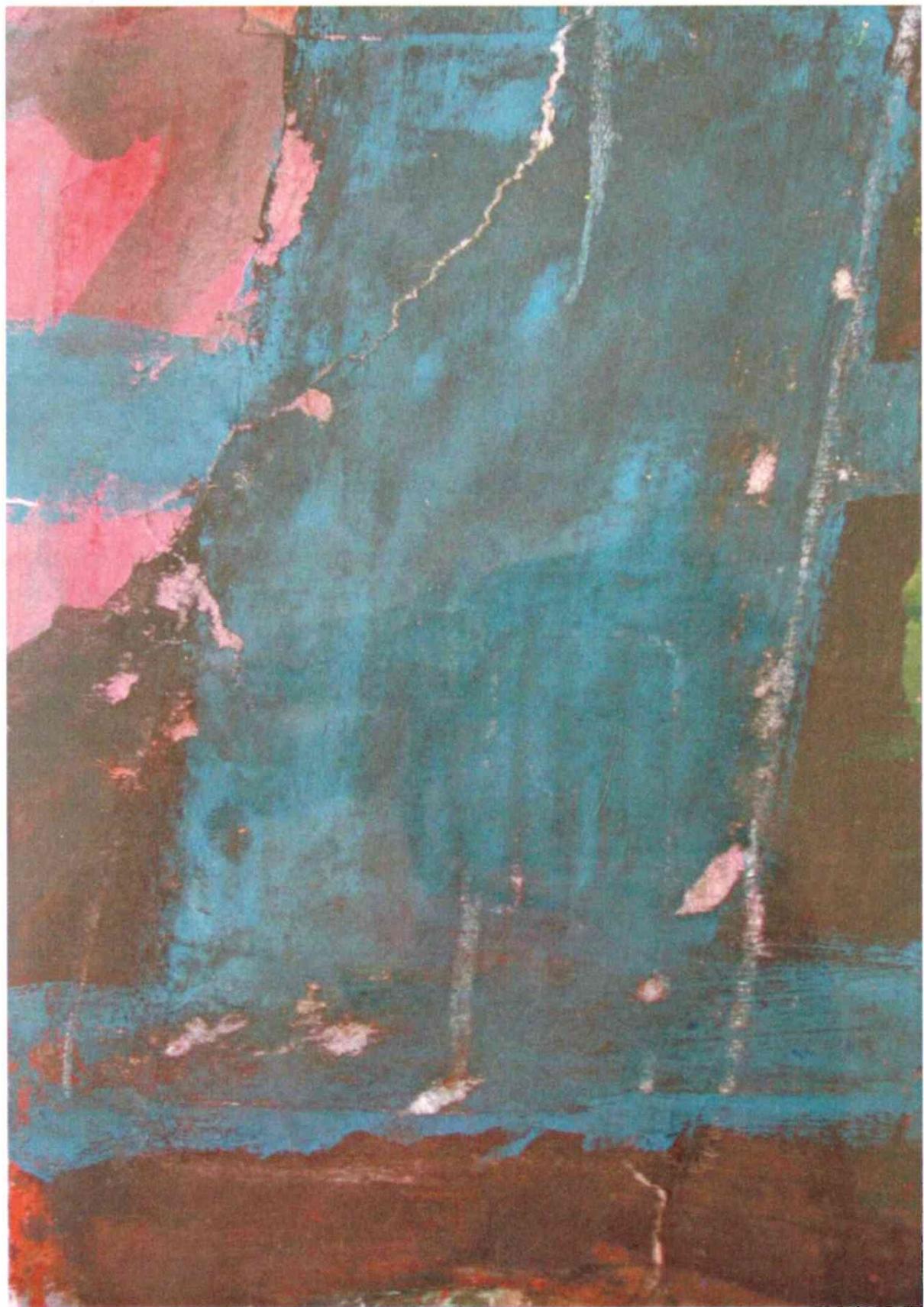
sabes que os teus filhos e a tua mãe
estão esquecidos
saem por vezes de borco na boca
mas os teus olhos não estão completamente corroídos em mim

ardósia do silêncio cruza-se no transepto da igreja
e eu voo sózinho neste beático de canseiras
nos olhos atentos dos amigos

colho todos os frutos da luz
e abeiro-me na noite dos pequenos terrores
da lua da imaginação

prometo não iludir o dia do amor
estou impresso na imersão da criação das palavras
do seu nobre casamento
daquelas que sobem ardentes dos joelhos

é uma energia voraz dos limites dos mares
dos vulcões que tecem a vida na ardósia falada da escrita
e a morte é desigual.



os limites do silêncio estavam já esquecidos
a carne tem toda a dor
a cabeça é uma fogueira do desespero
é pecado olhar para tanto espírito e sua solenidade

o deus que acreditei era imenso como o chilreio dos amigos

do céu e da terra respectivamente o tecido do corpo morto do meu pai
não é por nada mas tem a eternidade
a razão alumia-me a diferença que contra tão corajosamente lutei
mas a sua falta já é uma religião
e sigo os passos do herói em todas
todinhas as recordações

os olhos morrem a cabeça e apodrecem

há um sentido explícito
a razão é toda coerente até a minha morte

o vulto a sombra e a luz
o começo ínfimo do amor

a extasiação conseguida das palavras
lento sofrer pelo olhar
as vísceras da cegueira

a morte inadiável dos sentimentos
o corpo todo o silêncio

espreita a toalha do silêncio
aprende a fonte do amor

avizinha-se a pertença do sonho
que cria o voo de pássaros do teu rosto

adivinha a fonte da voz
e regressa à partilha de sentir o amor

cresce para os limites da luz
que aprendes toda a beleza

adivinha os limites do infinito
e segreda a visão do mar
que arde nas possibilidades do silêncio

arde-me amor no espírito
evoco a voz da beleza
prendo-me ao mar do amor

significas o sonho da minha vida
a unir-nos como rosas no canteiro
e pequena se torna a morte
que exprime o voo do olhar

abeira-se a fonte da beleza
rompe no amor

tecemos sonhos para chegar ao mar
prendemo-nos ao silêncio
arrastamos o sonho
a desvanecer-nos na luz

acabo com a palha da escrita
para enfrentar vertiginosamente o ser
como regresso à dádiva do teu rosto

dou-me à veemência da beleza
e arrasto o mar do teu olhar

imprimo fogo no silêncio
que voa para o teu rosto

distancio-me da morte
e a vida é hoje um jogo claro
que premeia o sonho

à beira da luz há uma ponte sobre o silêncio
fundo no sonho regresso
ao teu caminho ilumino a voz do amor

estreito o caminho para a dor
e doando-me ao teu olhar desenho nas tuas pernas o desejo

voo para o teu nome e rejubilo no teu olhar
a arrancar a morte pelos dedos

de gatas andei para vencer este sonho
que se cumprirá no zénite do verão
a respirar o mar em ti

Francisco Carmelo

prendo-me aos rostos onde o amor se salienta
a atravessar lesto o caminho das floreiras

aprendo a violência do silêncio
porque confio-me à expressão dos afectos.

à Dona Fernanda e a todos

olho na advertência da solidão
o feérico gosto de ser amado

com a impressão vastíssima dos sentimentos
mia o gato e canta o galo
e as palavras acrescentam-se à visão do infinito
à mercê da luz

todo o poente todo o mar
a eternidade do teu amor ausente

o destino do sonho amado é ver-te num cais distante
reduzido às possibilidades da nossa vida
porque o poema não se conserta

o corpo do poema
a luz diurna sobre o teu

efeito do silêncio
a longa maceração das culpas

o estado do mar felino e áspido
é belíssimo ao longo do sol e da lua

toda a experiência do amor
apreciação do infinito

o rosto suspenso na dádiva dos gestos
a visão segredada da tua luz
a aumentar a velocidade do sonho

narro o mar e o seu encontro
a prolongar o efeito da luz

a vida na perseguição da beleza
e da sua narração
é explicação do sonho

o arco-íris da laranja
a amarga doçura de te amar longe

a alva o branco do silêncio
o inferno sufocante dos olhos

a expressão do amor
a paisagem da luz

os limites do poema
a visão da simplicidade da vida
esse sonho que não morre

o corpo sufocado na doença
o peso de existir

a trama do descender
o gosto do amor
erguer a chama da luz

tomas o infinito nas mãos
que luta com o teu inquieto rosto
e ele é já um retrato amarelecido a um canto

sorves o silêncio fantasmal
despindo o corpo por um amor partido
a mulher é um portal por fechar

incomodam-me os olhos vermelhíssimos
do teu chorar
que a vida pode correr contra o poema

primavera adormecida meia mortiça
a redenção da vida

muda a seca a secura das palavras
o dizer excessivo do coração na regra da razão

essa é a arte poética
sempre a promessa do absoluto no estio feroz da vida
que era já ter medo da luz

o meu vício é a ternura atónita da contemplação
e tu és o vício de cabeceira há tempos imemoriais

o deserto esconde-se no olhar
e morre-se na velocidade das palavras

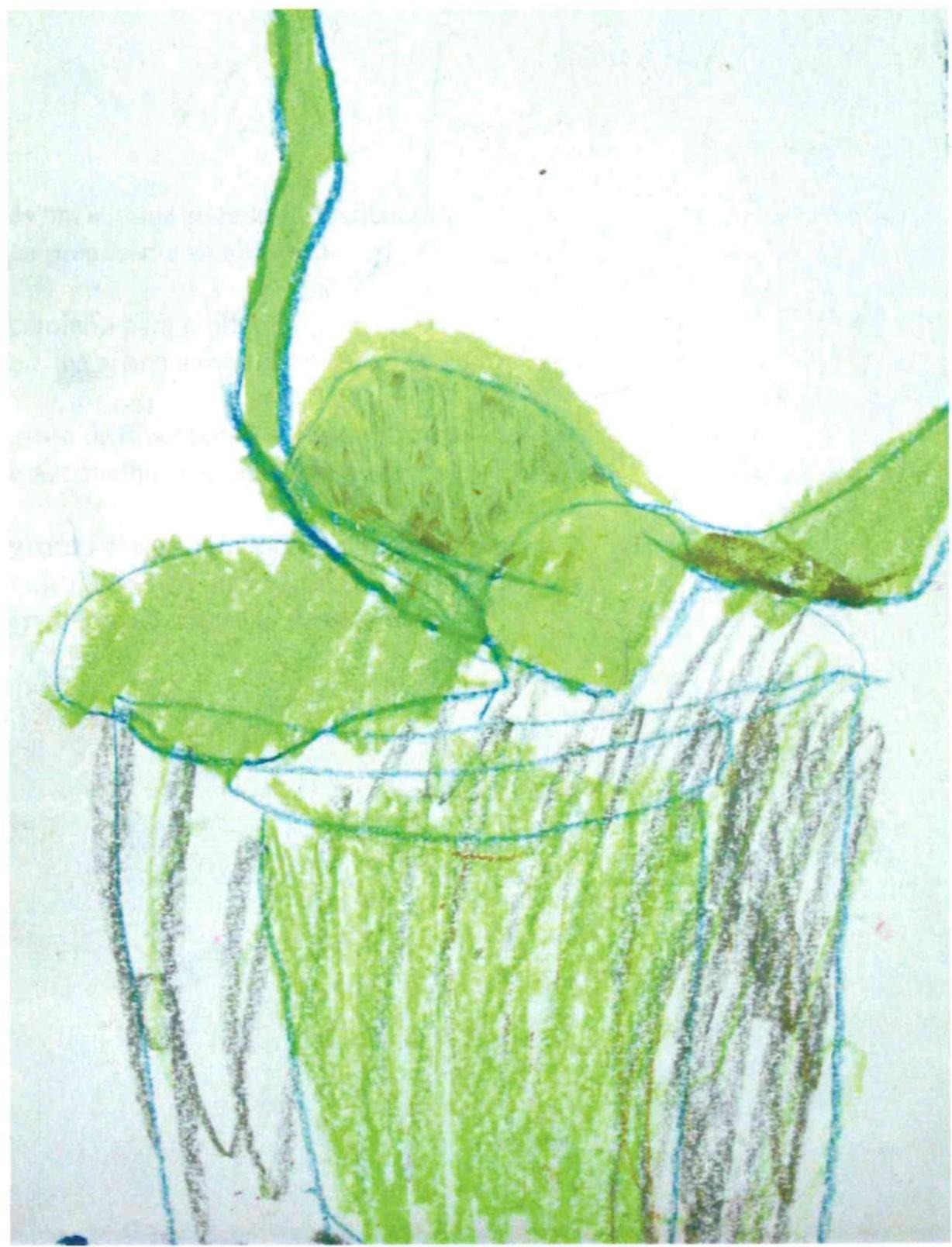
habita-se o espírito do silêncio
e pouca música entra em nós

têm passos nos segredos os seres
espreita-se a fundura do deserto e há uma cal de dor na língua
e atravesso todas as possibilidades dos nomes

deles que nomeiam o ardor da luz
ouço o efeito do sentir
para subir degraus e degraus contra o esquecimento dos seres
da luz nupcial da alegria dos dias
o sol excessivo desfaz a razão contra os muros
e o corpo verga-se sobre o destino

a tristeza senta-se sózinha na soleira das escadas
e projectam-se viagens contra o mal das paixões
porque o teu rosto relampeja branquíssimo na cal dos muros da casa

há um poente no seu olhar
como um ninho desenha-se na pedra
um brasão numa igreja o coro feliz das palavras
a lavrar o cinzento dum rosto como a fugir à aspereza longínqua do sentir
e tratar do próprio olhar como da vastidão do mar.



é um ser que se revela no silêncio
eu prendo-me ao teu rosto

caminho para o olhar
e a lua apaga a morte

gosto de dizer coisas que nunca disse
e avermelha-se o sonho de sentir

guardo ciosamente todas as imagens de ti
que o paraíso é uma textura do sol
onde traço a coroação da recordação

é como um lago
onde a corrente
se afasta para o silêncio

corro como a electricidade
atrás dela
e já te afogaste que chega

as chispas da lua arredondam o mar
e tece-se a viagem do poema

avulta o fogo do olhar
que medeia entre a sombra da noite
e a claridade do dia

conhece o fogo do amor
nos seus vestígios de vento
e adivinha-se a margem do sentir

desvanece-se a obsessão do próximo
na contemplação serena das coisas e dos seres

divirjo pelo mar do teu olhar
a concentrar forças na lua do pensamento

eu amava-te e era ignorante
guarda as chaves do segredo do encantamento
força a entrada no silêncio
e prolonga-te no sonho do sentir
a despedir-me no teu olhar

busco pretextos
para naufragar na tua recordação
a desfazer-me no teu olhar

prendo-me á verticalidade dos gestos
porque amo-te desconhecida por desfiares amor na cortina da tarde
onde desvendas o mar do rosto
e eu ligo-me à dávida de te sonhar
se exprimo o fogo aberto na saudade
que crias luz no teu caminho

Francisco Carmelo

viente na invenção do sonho que guardas junto a mim
como pode tocar-nos tanto uma mulher

recolhe a corola da alfazema
desvia-te para o mar a alfombra do silêncio toca
a exigir a luz da beleza

só o amor desfaz
o luto da vida
no inverno encharcado da solidão

somos vulcão contra vulcão
umas vezes paro eu outras vezes tu

se rebentassem foguetes no teu rosto eu não me admirava
por ele sei a transparência
de um rio prolongas a vida

saí do esconderijo onde só havia a solidão
e os miasmas sussurrantes da morte

é um pássaro do norte
se trazes o verão por dentro

de amar sobre todos os olhares
recolho-me no mínimo rosto
e traço felino o papel sobre o poema

se vou para a luz do olhar
a natureza tem algo de repetido

pressinto tristeza a mais no teu rosto
e devoras o deserto nos teus gestos

o teu corpo são dunas que quero pernoitar
contra os cardos mansos invernosos da solidão

queria diminuir a morte dos teus dedos
para afastar a polpa doce da nostalgia
e seres presença irradiante mulher luminosa

queria demorar-me no segredo do teu ventre
e todo o teu corpo como geografia do absoluto
promontório de Afrodite a tocar com os dedos
o leite quente das ovelhas e ser pasto vigilante dos teus anseios

não estreitar a beleza
se conjugar-me com o teu amor irradiante
é abrir as maçãs demoradas do teu rosto à vermilhidão do poente

aproxima-te da fonte do sonho
sete espigueiros esperam a noite por nós

cada dia joeiramos o milho
e ficamos com a semente para o ano

a eira dá sinais de verão
como as azeitonas guardam-se em segredo
e o vinho corre na adega
para o pão se estender nas mesas

o mato foi cortado de manhã
as escadas estão nas macieiras
as medas sobem junto aos castanheiros
a água corre lesta sobre os campos
arranca-se o pondão e o feijão

este ano as vinhas vão render dezassete hls de água ardente no alambique
e sabe a frutos o teu amor

caminho sobre a sombra benéfica das ramadas
o passado é hoje uma quinta com os frutos que me ofereces
a saber à tua boca sãos e frescos

aprende a chamada do amor
ouve o trinar dos pássaros o poente
desce a vertigem do verão

queria uma escrita ensolarada que desse a mão ao teu olhar
de desconhecida que ama o que vê
como uma ponte que atravessa a noite
e faz tréguas no coração
mesmo no deserto das palavras

o minho é uma floresta equatorial vicejante no verde dos teus olhos
na frescura colorida do mar à tua porta

estou leve
sou como um bogalho
em tua direcção

define-se
pelo princípio do prazer
joga o corpo nisso

percorri os caminhos
mais absurdos da solidão
e sei da proximidade do mar
para com ele encontrar-me nos seres

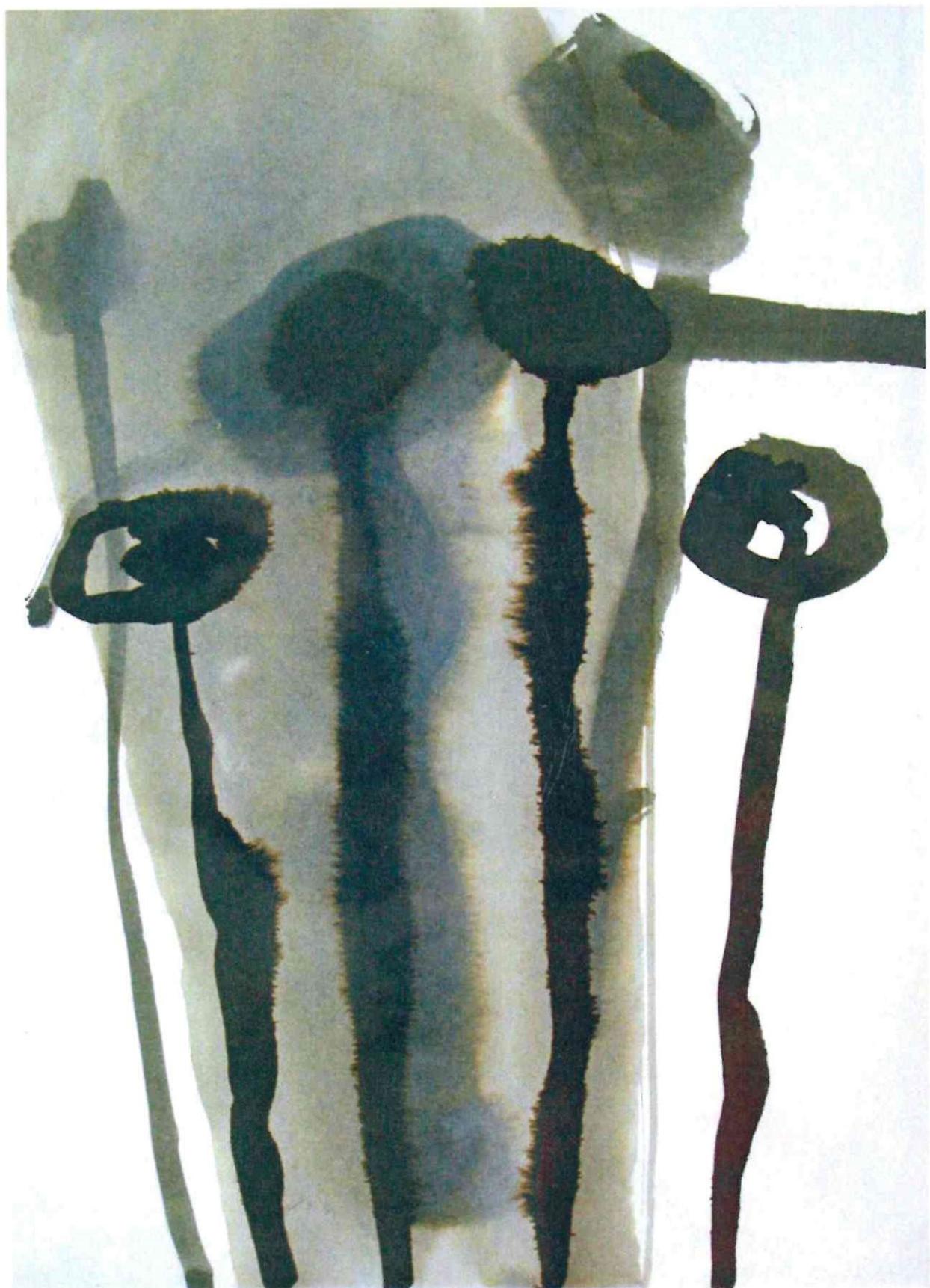
volto à fonte do poema a nascer o dentro da margem
dum rio aspiro profundamente à visão do rio Lima

ter segredos escondidos para dar na tua demorada aparição
guardo ciosamente o sabor das flores pétala a pétala

sem ti a vida fica uma luta escura que a tua recordação ilumina
na mais sábia experiência

como pode custar tanto um afastamento
de que se sobrevive na esperança luminosa do teu olhar
gostava de namorar contigo à beira rio
num bosque formoso ou na areia simples de diamante de outono

o terror dos dias alisa-se no teu rosto
e atravesso frágua e montanhas para chegar à água de te tocar
mão na mão no coração transbordante de silêncio oferente dos beijos
dos pássaros



morre-me a história
nas mãos queimam-se de silêncio as palavras
se ouves o dizer do sonho

as personagens infiltram-se na vida do quotidiano
pobres colheus frutos na leitura
que a escrita segreda sem saber
mas o poema o nosso amor é o sítio onde unes tudo por graça

queria arrancar a morte das palavras
e secá-las ao sol do silêncio
para conquistá-las com a harmonia de te beijar

é do abismo da morte que se vê melhor
que o amor
queima os lábios

na música de cotovia
ouve-se o estranhamento do infinito
e uma luzerna do nosso encontro ilumina o meu espírito
faz poeira na alma

acredita no mar o amor fulmina-nos até ao absurdo da manhã
e a solidão devora-nos até ao silêncio

a música ensina-nos do virtuosismo
o silêncio
a falar-se menos sente-se mais

olhos de azeitona revelam o segredo do amor
fixam por instantes a eternidade

não sabemos o mistério de tanta fulguração
e ficamos parados na contemplação de um desejo que nos ultrapassa

a beleza dos outros nos rodeia
para construirmos um ninho de que só há um meio de sair

toda a roupa era excesso
porque misturavamos as nossas peles no coração do oiro

vivo incessantemente a tensão do poema
que me arrebata o segredo do teu rosto

encontro-me no mar do olhar
que são passos em direcção a ti.

tenho ganho milhas ao silêncio
num só um gesto tão corajoso que as flores não abandonaram

são momentos que as paixões dão na exaltação da música
onde tudo sussurra uma paz essencial
e um cheiro numa voz primordial do infinito
cessa o tráfico material dos corpos

vê-se o cemitério ao longe como uma morte sem mordaça
como remate de vidas cumpridas

num labor de trabalho da alma
da arte abri a mensagem do poema ao rosto certo:
ela não sabe de nada
mas entende este vozeirão de luz

era um homem sacrificial
só buscava o amor nas últimas circunstâncias
e ouvia-se lesto o fruto do sentir

prendia-se à dádiva da música
a segredar o infinito
e dói-me tanto perder uma mãe do nosso mundo

Londres viceja em mim como uma rosa
primordial que levanta o mar no meu rosto

há cidades que estão no céu como uma cúpula
a arder veementemente na beleza
que atravessa ruas e praças em mim

há canteiros nas janelas
a levantar o Tamisa no infinito
e pontes dentro de mim para a felicidade
amordaçam a dor no infinito do que se vê

galérias de museus quadros pintores queridos
atravessam as recordações
e dão ao olhar o melhor dos mundos

os muros da infância do quintal a que se regressa
cercam-nos no sussurro da paz
e ninguém vai sofrer daqui por diante

há um metro de felicidade que se conquista ao absurdo
e permanecem dúvidas essenciais
mas a miséria da vida todo o seu heroísmo
tem agora o suporte dum sorriso mais duradouro

quantos homens teriam passado por aquele banco de barbeiro
se o metal brilhava
e a napa coçava
antiga em tantos sentimentos parecidos com os meus?

não se devia juntar o céu
e inferno o homem paga demasiado

sabe que a felicidade
espera um filho
e diz agora que não quer namorar

regresso com a nostalgia à infância
aos sítios que me amaram

a felicidade já não vale um tostão furado
e é infinito desejar amar a cor mais pura deste rio num olhar inimitável

esperas sempre por palavras
que contarão esta historia

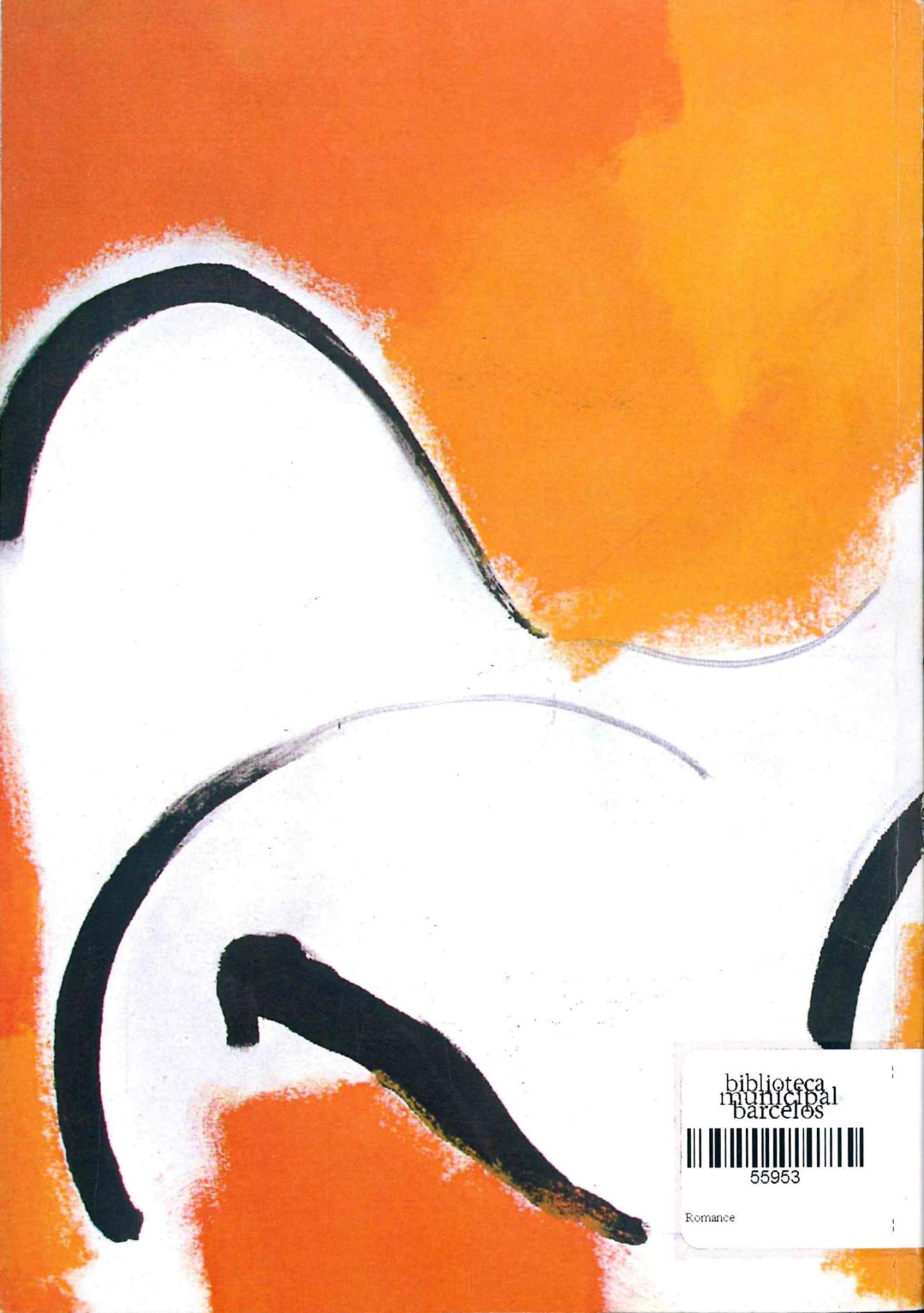
uma mulher morreu contra a sua sorte
que via para lá do seu rosto
e tinha amarelecido na sua expressão
seres de bronze numa memória trágica

Índice

- 11 Epígrafe
- 12 Romance
- 13 dá-me um olhar
- 14 o poema como um revolver
- 15 imaginem ver-me igual
- 16 regressa à dávida do amor
- 17 percorri os caminhos mais absurdos
- 18 não quero que me amem
- 19 vejo-te duma laranjeira
- 20 tinha caminhado pelas trevas da dor
- 23 pôr flores nas trevas
- 24 a meditação exasperada do silêncio
- 25 a estridência estremunhada do silêncio
- 26 mistério ocluso das palavras
- 27 nasceu depois da irmã mais velha
- 28 chegavam excursões das escolas
- 29 a cara manchada pelo sofrimento
- 30 sigo exangue o percurso do poema
- 31 era uma personagem estranha
- 32 faz o silêncio significar

- 33 vem ficar no silêncio
34 despia o seu corpo à minha frente
35 a criação afasta o medo
36 a poesia é o dom absoluto
37 junto na memória pedaços de flores
38 vi-te
39 buscas os segredos dos deuses
40 vem do fundo da alma
42 cruzo o rosto do destino
45 e tudo mora na colheita da paz
46 as crianças ruidosas não dão paz
47 queria a razão enlouquecida
48 são corpos habitados
49 é altíssimo ser amado
50 ouve a sinfonia dos seres na noite
51 todas as crianças são nossos filhos
52 retomar a colheita da voz
54 desvaira-se na luz dos rostos
55 apuro a dádiva pesada do silêncio
56 atreve-te no rosto do amor
57 estouro as mãos na mágoa
58 as ovelhas pastam nessa tarde
59 Pai
60 ardósia do silêncio
63 os limites do silêncio
64 o vulto a sombra e a luz
65 espreita a toalha do silêncio
66 arde-me amor no espírito
67 abeira-se a fonte da beleza
68 acabo com a palha da escrita
69 dou-me à veemência da beleza
70 à beira da luz
71 voo para o teu nome
72 prendo-me aos rostos
73 olho na advertência da solidão
74 o corpo do poema
75 narro o mar e o seu encontro

- 76 a alva o branco do silêncio
77 tomas o infinito nas mãos
78 primavera adormecida
79 o deserto esconde-se no olhar
80 há um poente no seu olhar
83 és um ser que se revela no silêncio
84 és como um lago
85 corro como a electricidade
86 as chispas da lua arredondam o mar
87 busco pretextos
88 vieste na invenção do sonho
89 recolhe a corola da alfazema
90 só o amor desfaz
91 somos vulcão contra vulcão
92 de amar sobre todos os olhares
93 pressinto tristeza a mais no teu rosto
94 não estreitar a beleza
95 aproxima-te da fonte do sonho
96 aprende a chamada do amor
97 estou leve
98 define-se
99 percorri os caminhos
100 volto à fonte do poema
103 morre-me a história
104 queria arrancar a morte das palavras
105 é do abismo da morte
106 na música de cotovia
107 a música ensina-nos do virtuosismo
108 olhos de azeitona
109 vivo incessantemente
110 tenho ganho milhas ao silêncio
111 era um homem sacrificial
112 Londres viceja em mim
113 quantos homens teriam passado
114 não se devia juntar o céu
115 regresso com a nostalgia à infância
116 esperas sempre por palavras

The background of the image features a large, abstract graphic composed of several overlapping circles. The circles are primarily white, with thick black outlines. They are set against a vibrant orange and yellow gradient background. The circles overlap in various ways, creating a sense of depth and movement.

biblioteca
municipal
barcelos



55953

Romance